

# Um disfarçado temor pelos exames médicos

por Maria Alice Gurgel Amaral  
de São Paulo

“Nem tumor, que é imediatamente associado a câncer, nem apenas diverticulite. Trata-se, na verdade, de leiomioma diverticulado infectado.” Este foi o primeiro e verdadeiro diagnóstico que levou o presidente eleito Tancredo Neves, pela primeira vez, à mesa de cirurgia no Hospital de Base de Brasília, revela uma fonte médica ouvida por este jornal. O leiomioma, ensina ela, é de natureza benigna e nada tem a ver com diverticulite de Meckel, que é problema congênito, nem com tumor, que na literatura médica é “todo aumento de volume”. Acredita-se, porém, que o presidente vinha sofrendo anteriormente de outro processo infeccioso que não foi identificado nem mesmo após sua internação na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do Instituto do Coração, em São Paulo, porque logo a sua infecção se disseminou pelo organismo.

Tancredo Neves já vinha enfrentando durante vários meses picos febris. Ele teria, inclusive, embarcado para a Europa tomando antibióticos, segundo apurou este jornal de várias fontes. Mesmo durante a campanha pelas eleições diretas ele sofreu crises de bacteremia, com elevação de temperatura, taquicardia e alterações de cor. Sua ausência de um dos comícios pelas diretas, amplamente notada, foi provocada por febre elevada, em torno de 40 graus, naquele dia, de acordo com uma fonte.

Apesar da insistência dos médicos, Tancredo Neves sempre se recusou em fazer um exame mais completo do seu estado de saúde. Tendo perdido um irmão acometido de câncer nos intestinos, o presidente nutria, segundo revelou uma fonte a este jornal, um temor disfarçado de que o mesmo pudesse acontecer com ele. Este sentimento levava-o a evitar exames médicos.